

O nível de salários agrava crise entre Argentina e o FMI

HUGO MARTINEZ
Nosso correspondente

BUENOS AIRES — O nível salarial transformou-se num dos eixos sobre os quais gira toda a divergência entre a Argentina e o Fundo Monetário Internacional. Para alguns analistas, o salário médio da economia argentina e o consumo de bens dele resultante não permite uma poupança interna suficiente para enfrentar o pagamento da dívida e, por essa razão, precisa ser reduzido.

Outros economistas consideram que um salário de US\$ 87,00 mensais está abaixo dos níveis históricos do país, "como demonstra a dramática sucessão de greves e protestos sociais ilimitados", afirmou um funcionário do Banco Central entrevistado pelo **Estado**. A discussão, embora pareça acadêmica, ganha importância quando se considera que faltam apenas oito dias para o vencimento do prazo de renegociação da dívida argentina (ou do pagamento de US\$ 500 milhões aos bancos credores) e ainda não se sabe qual será o desenlace dessa discussão.

Para os que consideram muito alto o salário médio do país, a estratégia deve ser a imediata aceitação das políticas ortodoxas de ajuste da economia exigidas pelo Fundo Monetário Internacional. Para os que consideram que o atual nível salarial chegou ao mínimo suportável, uma política recessiva conduzirá ao caos político e social.

"QUEREMOS COBRAR"

"Nós, sobre todas as coisas, queremos cobrar", afirma, sem nenhuma cerimônia, um banqueiro integrante

do comitê de assessoramento da dívida externa argentina, que reúne 320 bancos internacionais. O chefe desse comitê é William Rhodes. Mesmo diante desse realismo financeiro que os leva a aceitar o fato de que os países latino-americanos não podem pagar a dívida e têm de refinanciá-la, os banqueiros não pretendem envolver-se na discussão entre o governo e o FMI. Para eles, é preferível evitar esse envolvimento se tiverem a oportunidade de receber.

Antonio Cafiero, ex-ministro da Economia de Isabelita Perón, definiu a atual situação da seguinte maneira: "Tanto os Estados Unidos quanto a Argentina suportam pressões dentro de suas próprias estruturas para aceitar ou repelir o enfoque do FMI". Cafiero é de opinião que os banqueiros não estão em posição de absoluta fidelidade em relação ao Fundo Monetário Internacional, seu tradicional síndico.

MUDANÇAS

Um jornal de Buenos Aires previu alterações na direção do setor econômico governamental, qualquer que seja o resultado das negociações. Se for aceita a metodologia do FMI, deverão deixar seus cargos vários técnicos da Secretaria de Planejamento, autores da última carta de intenção (unilateral) enviada ao organismo.

Caso prevaleça a posição atual do governo Alfonsin, é provável que o presidente do Banco Central deixe o seu posto, uma vez que ele vê, na nova carta de intenção, o principal germe de uma possível hiperinflação, semelhante à que assolou a Alemanha depois da 1^a Guerra Mundial.